SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXVI
Número 431
30 de Setembro
de 1981

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

Avulso: Esc.: 20$00

O ACNAC

XV Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal Constituíu uma Boa Experiência

Foi a cidade da Figueira da Foz que acolheu simpaticamente os Escoteiros de Portugal para a realização do seu XV Acampamento Nacional. Estiveram ali 562 escoteiros e dirigentes, número que não sendo muito elevado em relação ao efectivo da Associação, representa já um esforço de cooperação que importa acentuar.

O maior defeito do Acampamento é a sua maior virtude. Os rapazes tinham pouca experiência das técnicas escoteiras, pelo que os seus trabalhos de campo, salvo algumas excepções, não foram muito expressivos. Mas houve muito entusiasmo e os escoteiros na generalidade eram muito jovens e, portanto, encontram-se na idade própria para receber treino e aptidões que os vão preparar para outro e próximo Acampamento Nacional. Assim os chefes sejam capazes de os conduzir ao campo, à montanha, ao bosque, e realizar aí autênticas actividades escoteiras, jogos e exercícios que transformem os *patatenras* de hoje em *segundas* e *primeiras classes* bem treinadas. O Acampamento Nacional teve a virtude de revelar a existência de um efectivo escoteiro capaz de possibilitar um trabalho de formação escoteira eficiente e cheio de esperança.

* * *

Os escoteiros começaram a chegar na sexta-feira, 7 de Agosto, ao Parque Sotto Mayor. O local não seria o melhor para uma actividade daquele género, mas tinha a vantagem de se situar quase no centro da cidade. O escoteiro sorri às dificuldades, pelo que o Acampamento, no Domingo, estava preparado para a inauguração.



Pórtico de entrada no XV ACAMPAMENTO NACIONAL ENCIMADO PELO TÍPICO CHAPÉU ESCOTEIRO.

OS SERVIÇOS RELIGIOSOS

Os serviços religiosos do Acampamento tiveram um carácter ecuménico que dignifica os ministros das respectivas confissões e afirma o espírito profundamente escoteiro que se vive nos Escoteiros de Portugal.

O acto de adoração foi realizado em comum com a participação de escoteiros católicos, evangélicos e também ismailitas. Esta convergência deu muita reverência ao culto, tendo orado os ministros católico e evangélico, bem como uma senhora ismailita. Depois do serviço em comum, os escoteiros de confissão católica reuniram-se em separado para celebrar a eucaristia dominical.

Os serviços religiosos realizaram-se nos dois domingos de acampamento.

O ACTO INAUGURAL

No domingo, à tarde, efectuou-se o acto inaugural, com recepção prévia às entidades convidadas. Os escoteiros formaram na clareira, frente aos mastros onde iam ser içadas as bandeiras nacional, da Associação e dos Grupos representados.

Presentes o Eng. José M. Nobre Santos, Escoteiro-chefe Nacional, e o eng. Samiro Saraiva Santos, vereador municipal do pelouro de obras, que representava o Presidente do Município da Figueira da Foz.

Ao içar das bandeiras, os escoteiros perfilados em sentido entoaram o "É lá", considerado hino da AEP. O Escoteiro-Chefe Nacional declarou aberto o Acampamento Nacional e lembrou aos presentes que aquela actividade constituía a festa de confraternização dos Escoteiros de Portugal, se destinava a angariar novas amizades e... ao trabalho.

O Chefe do Acampamento Joaquim Garrett afirmou que o ACNAC era um teste para o "Nacional" de 1983, em que seriam comemorados os 70 anos da fundação da AEP. Disse ainda, que um acampamento de escoteiros não é um campo de férias, nem um hotel, por isso, o êxito do Acampamento dependeria do esforço de todos.

continua na pág. 12



UMA VISITA AO COMANDANTE ÁLVARO DE MELO MACHADO

No dia 8 do mês passado de Abril (1961), a Fraternal dos Antigos Escoteiros visitou o sr. comandante Álvaro de Melo Machado. Esta notícia, para quem conhecer um pouco do historial do Escotismo na nossa terra, tem um sabor muito especial, pois o ilustre oficial é uma figura, diríamos lendária, do nosso movimento, pois todos os rapazes dos grupos de escoteiros bem sabem que se trata do pioneiro do Escotismo em terras portuguesas, fundador, como foi, do célebre grupo de escoteiros de Macau.

O sr. Xavier de Brito manifestou, em nome de todos os presentes, a alegria que sentiam em estar junto do sr. Comandante, o qual agradeceu, comovido, essa prova de estima.

Depressa se estabeleceu o diálogo. Falando das dificuldades que o movimento tem atravessado, o ilustre hospedeiro afirmou que quase não compreendia como o Escotismo tinha podido resistir a tantas vicissitudes. Referiu a fé, a paciência e a perseverança que foi preciso revelar nos primórdios desta organização no nosso país, para arrostar com a incompreensão do meio.

O comandante Melo Machado falou depois de uma das vantagens que observou no Escotismo: a fusão social. O movimento dava azo a que rapazes das mais elevadas esferas sociais privassem com outros das classes mais humildes.

– Quando foi a greve dos Correios – acrescentou – os escoteiros de todos os níveis sociais desempenharam o serviço de boletineiros, registavam correspondência, etc., e, caso curioso, nenhum telegrama deixou de ser entregue. Os rapazes das melhores famílias furtaram-se a ir distribuir telegramas, porque era perigoso. Dois dias mais tarde, quando iam tomar a refeição à Rua de S. Julião, observei que os mais educados não se juntavam aos rapazes mais humildes, porque, diziam, à mesa, estes deitavam os caroços para o chão. Fui obrigado a dizer-lhes que, apesar do defeito de não saberem estar sentados a uma mesa, esses rapazes tinham virtudes que eles próprios não possuíam: eram corajosos. Ensinei aos mais humildes que não deviam deitar os caroços para o chão. Enquanto estes iam aprendendo a forma de se conduzir, os outros aprendiam a ser mais ousados no serviço do próximo.

– Lancei mão do Escotismo – continuou – porque vi que era de facto um movimento capaz de formar rapazes e torná-los aptos a ser elementos de boa influência na sociedade.

Quando os visitantes se despediam do fundador do histórico grupo de Macau, este ainda manifestou, uma vez mais, a sua simpatia para com os presentes:

– Sinto-me muito satisfeito com esta visita. Apesar de me estar a rir, cá por dentro estou comovido.



Comandante Melo Machado: Um Escoteiro que é figura histórica.

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 150$00
Despesa de cobrança Esc. 30$00

Estrangeiro:
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 250$00

Outros países: Esc. 350$00



O CLÃ REGIONAL DE CAMINHEIROS ORGANIZA A EQUIPA "EGAS MONIZ"

A Região Norte está procurando dinamizar a actividade dos Caminheiros, tendo criado o Clã Regional.

Os Escoteiros-Chefes Alberto Cerqueira, Leonel Ramalho e Jasmim Arroio foram nomeados para orientar a actividade do Clã e promover iniciativas.

Na primeira reunião do Clã, foi deliberado criar a equipa "Egas Moniz", cujo exemplo de lealdade e espírito de serviço deverá inspirar os Caminheiros do Norte.

Foi também delineado um programa de trabalho, tendo-se realizado, em 11 e 12 de Julho passado, o 1º Acampamento Regional do Norte para caminheiros, que decorreu no Picão, em Vila Nova de Gaia.

Todos os Caminheiros dos Grupos de Escoteiros de Portugal da Região Norte são convidados para participar nas actividades do Clã, pelo que se solicita a sua adesão.

GRUPO Nº 17 (ACM) – PORTO

O Grupo nº 17 tem desenvolvido uma actividade constante, colaborando com os Grupos da Região, tendo admitido recentemente mais sete novos elementos. Foram também feitas as seguintes nomeações:

Para chefe dos Serviços Administrativos, Manuel de Jesus Monteiro Maia; para subchefe de tribo interino, António Veludo Coelho Osório; para subchefe de Alcateia interino, José Miguel Esmeriz Pereira Vieira.

Em 18 de Julho passado, esteve de visita ao Grupo 17, o escoteiro brasileiro Constantino Rodrigues Cavalheiro, de Tangará, São Paulo, que esteve no Porto em turismo. – *J. A. T. C.*



SEMPRE PRONTO

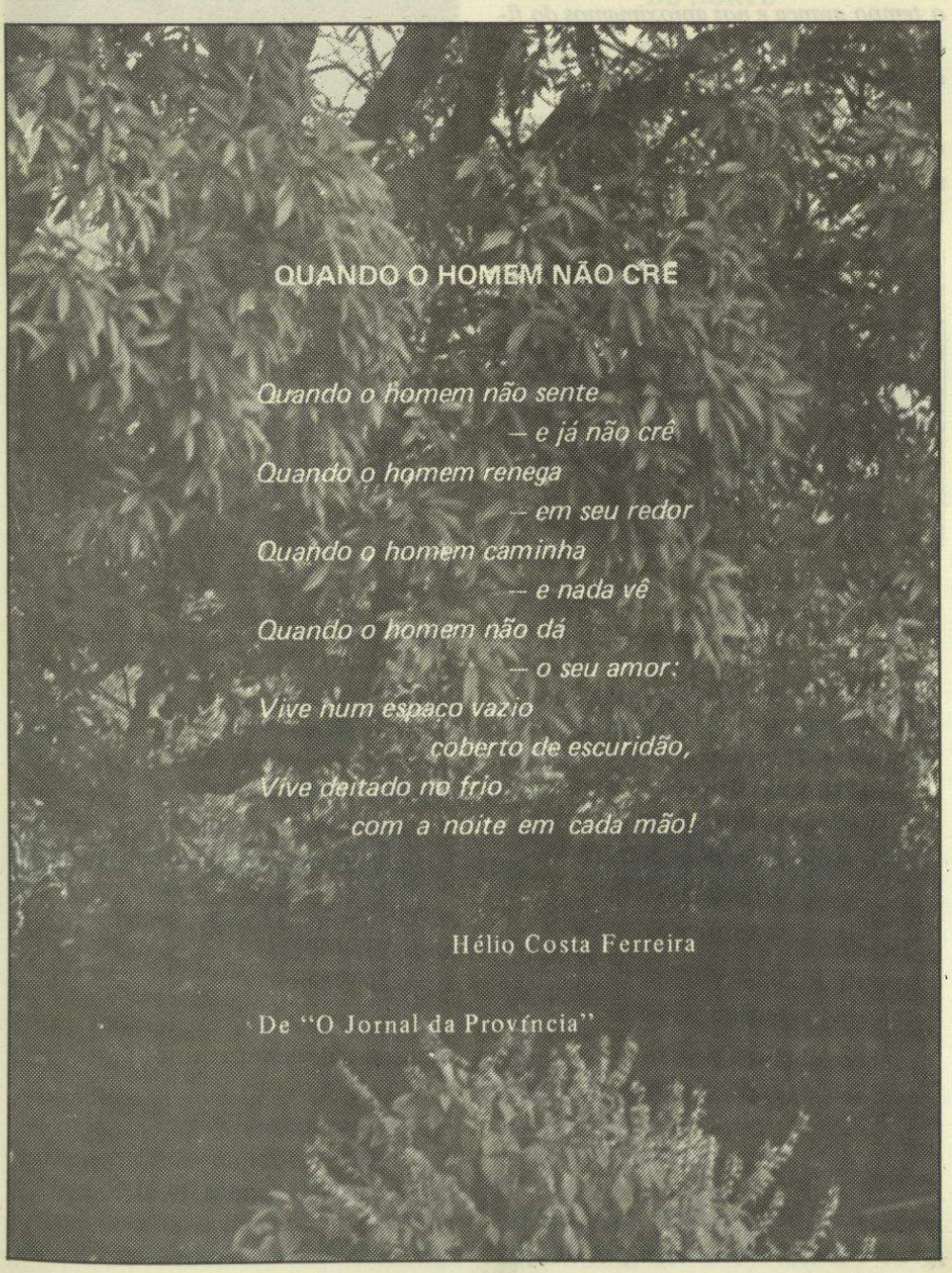
UM NOVO APELO DA ADMINISTRAÇÃO

Temos pedido com insistência para que os nossos estimados Assinantes nos remetam por vale de correio ou cheque bancário o valor de sua assinatura e muitos nos têm prestado esse favor. Trata-se de um auxílio tão útil que muitos desses nossos amigos talvez não se apercebam do significado dessa colaboração, que até representa uma prova de estima e interesse.

Mas muitos outros Assinantes, por distracção ou falta de oportunidade, ainda nos não prestaram essa valiosa ajuda. Em todos os jornais, o pagamento das assinaturas está sendo feito por remessa directa dos respectivos subscritores. A cobrança postal tem preços proibitivos e inúmeras dificuldades.

Se é amigo de "Sempre Pronto" mande-nos, por favor, o valor da sua assinatura anual.

A Administração



QUANDO O HOMEM NÃO CRÊ

Quando o homem não sente
— e já não crê
Quando o homem renega
— em seu redor
Quando o homem caminha
— e nada vê
Quando o homem não dá
— o seu amor:
Vive num espaço vazio
coberto de escuridão,
Vive deitado no frio
com a noite em cada mão!

Hélio Costa Ferreira

De "O Jornal da Província"

NOVO GRUPO DE ESCOTEIROS

Desde Novembro do ano passado que se encontra em formação, nas Portas de Benfica, em Lisboa, um novo grupo de escoteiros. O organizador é o nosso companheiro José Fernando Marinho, que o está a dirigir até à inauguração.

ESCOTEIROS ALEMÃES NA COSTA DA CAPARICA

Encontram-se acampados na Costa da Caparica 51 escoteiros alemães, os quais se mostram muito satisfeitos com o local e com a camaradagem que aqui têm encontrado.

Os nossos escoteiros admiraram a excelente montagem do seu acampamento, assim como a disciplina e bom espírito escotista de que têm dado provas.

Numa das noites em que ali estiveram, realizaram um animado fogo de conselho, tendo sido de notar as canções ao desafio e outros números, muito bem executados.

DOS AMIGOS DE "SEMPRE PRONTO"

DOENTE — Só agora tomámos conhecimento de que o nosso bom amigo e companheiro João Patrício de Melo foi recentemente operado a um pé. Felizmente tudo decorreu bem e este nosso amigo encontra-se agora em franco restabelecimento, com o que muito nos congratulamos.

VICTOR CESÁRIO DA FONSECA

Este antigo dirigente escoteiro, que foi muito activo em Torres Vedras e já dobrou os "noventa" anos, esteve de visita ao Acampamento Nacional e lamentou não ter encontrado os antigos companheiros, "apesar de todos serem mais novos".

Escreveu-nos depois uma carta simpática felicitando o trabalho do "Sempre Pronto" e evocando factos escoteiros.

Victor Fonseca foi comissário da zona de Torres Vedras, cooperou com o grupo 50 daquela cidade, esteve no Acampamento Nacional de 1927, em Queluz, no Jambori, de 1929, em Inglaterra e porque *uma vez escoteiro, sempre escoteiro* continua firme nos seus ideais.

Agradecemos as felicitações e a sua carta e contamos com o seu apoio em Torres Vedras.

HORÁCIO JOSÉ DE PAIVA

Em Julho passado, esteve na nossa Redacção e deu-nos o prazer de sua visita, este nosso estimado companheiro, delegado no Porto da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Horácio Paiva está animado dos melhores propósitos de dinamizar a acção da Fraternal naquela Região, activando a cooperação com os Grupos e apoiando o nosso "Sempre Pronto".

Agradecemos a visita.

SEMPRE PRONTO ESTEVE NO

E OUVIU O PARECER DO

O ESCOTEIRO-CHEFE NACIONAL MANIFESTOU O SEU ENTUSIASMO

Como tivemos o privilégio de encontrar em campo o Escoteiro-Chefe Nacional, Eng. Nobre Santos, quisemos ouvir em primeiro lugar a sua opinião autorizada acerca do Acampamento. Fizemos-lhe por isso a seguinte pergunta:



Garrett Lourenço: "os pontos nos i i (s)"

"Sempre Pronto" – **Gostaria que nos dissesse o que pensa do acampamento nacional e como está a decorrer:**

Eng. Nobre Santos – *"O Acampamento Nacional está a decorrer bem, estão bastantes rapazes, tantos como nós em princípio julgávamos que viriam, a sua localização irá dar um incremento ao Escotismo aqui na Figueira da Foz e Coimbra, que é aquilo que nos interessa exactamente para a expansão nesta zona, uma zona, onde embora já existam uns quatro grupos, há necessidade de ampliar a acção do Escotismo, visto que há aqui um grande número de jovens que podem beneficiar da acção do Movimento. Para além disso, todos os grupos que aqui vieram, e constituem uma grande percentagem da totalidade dos grupos da Associação, quer a nível do Continente, quer a nível das Ilhas, dizia que vieram com grande entusiasmo e têm estado aqui a realizar e a participar com todo o interesse e julgo que irão daqui satisfeitos".*

"S. P." – E qual tem sido a participação dos dirigentes?

N. S. – *"Todos os Dirigentes deste Acampamento, quer dos órgãos nacionais quer locais, irão daqui com certeza satisfeitos pelo esforço que despenderam visto que esperamos os resultados serão compensadores desse esforço.*

"S. P." – E o Chefe Nacional também está satisfeito?

N. S. – *"Pelo menos até agora estou e espero que até ao final do acampamento a satisfação continuará na mesma e até talvez a crescer. Nestas actividades gerais as coisas nem sempre começam bem, tão bem como desejaríamos, porque é preciso acertar determinadas coisas, combinar determinadas orgânicas, que não estão sistemática e permanentemente organizadas e, portanto, a partir do momento em que as diversas dificuldades vão sendo ultrapassadas, como essas dificuldades existem temos de saber ultrapassá-las, à medida que o tempo avança e nos aproximamos do final do acampamento; tenho a certeza de que sairemos daqui satisfeitos".*

"S. P." – Agradecemos as suas considerações e formulamos votos de que a sua satisfação atinja de facto o auge até ao final do Acampamento.



Com dirigentes do Escotismo o nosso Director e também o Director Executivo Nacional das ACMs, Pena Ribeiro.

O CHEFE DO ACAMPAMENTO, E. C. JOAQUIM ALBERTO GARRETT LOURENÇO, DISSE-NOS QUE TINHA VERIFICADO QUE O SISTEMA DE PATRULHAS NÃO ESTAVA SENDO SEGUIDO INTEGRALMENTE NA VIDA DOS GRUPOS

Procurámos, depois, o Chefe do Acampamento, Joaquim Garrett Lourenço, e fizemos-lhe a seguinte pergunta:

"S. P" – Como Chefe do Acampamento, gostaria de registar as suas impressões acerca da actividade que está a decorrer.

J. G. L. – *"É uma actividade muito interessante, na certeza, porém, de que se nota uma grande falta de preparação dos jovens e atribui-se essencialmente essa falta de preparação não à culpa dos jovens, mas essencialmente ao paternalismo que determinado número de dirigentes tem usado para com eles. Acho que o sistema de patrulhas em certa medida não é seguido na íntegra, porque se ele fosse seguido na íntegra os rapazes em campo não teriam as dificuldades que se lhes nota, porque estão habituados a que os*



Eng. Nobre Santos: optimismo e confiança.

dirigentes lhes façam tudo, desde a refeição, à montagem do campo, à arrumação de tendas e foi exactamente essa falta de preparação que se nota neles e se verificou na montagem do campo e no decorrer desta actividade, sempre com os dirigentes a intervir no campo e a usarem o seu paternalismo. Tentou-se com este acampamento reviver ou, melhor, viver o verdadeiro espírito de patrulha e, por conseguinte, a montagem do campo foi feita em divisões – Alcateia, Tribo e Clã – coisa que, eu saiba, nunca foi feita na nossa Associação. Os acampamentos nacionais têm sempre sido feitos nos grupos, sempre com a estrutura do grupo com o chefe à frente e os rapazinhos sob a tutela do chefe do grupo, enquanto neste acampamento se procurou essencialmente virar os jovens para as suas próprias divisões com actividades muito próprias de cada uma delas e tendo por chefes desses subcampos dirigentes bastante credenciados e responsáveis pelo nosso Movimento".

S. P. – **Qual foi a resposta dos grupos à iniciativa do acampamento?**

J. G. L. – *"Embora este acampamento, pelo conhecimento que tenho, tenha sido aquele que foi preparado com maior tempo de antecedência, os trabalhos começaram com um ano e meio de antecedência da data da sua realização, no en-*

ACAMPAMENTO NACIONAL

SEUS PRINCIPAIS DIRIGENTES

tanto vários factores levaram a que essa preparação estivesse interrompida num período que decorreu sensivelmente nos primeiros meses deste ano. Apesar disso, mesmo assim, verifica-se uma grande participação dos grupos, participação essa que é patenteno número de inscrições que existe no campo e no número de presenças durante os dias de semana. Nos acampamentos nacionais anteriores tem-se notado uma grande presença aos fins de semana, enquanto neste se nota, de facto, que o número de presenças é praticamente igual todos os dias; e, embora este acampamento esteja instalado numa região do país em que existem cinco grupos, alguns deles inactivos, está também instalado na Região Norte. Com bastante mágoa minha e do chefe adjunto do acampamento, que é simultaneamente o chefe da Região Norte, os grupos desta Região não deram a assistência e participação que poderiam dar, visto ser uma grande região com potencialidade humana. No entanto, este acampamento não teve para eles a motivação que deveria ter tido, muito embora seja um acampamento nacional realizado na sua área regional, em que teriam obrigação moral de comparecer. Várias desculpas têm sido dadas para justificar a ausência, mas considero imperdoável a ausência deles por se tratar de um acampamento nacional efectuado na sua própria Região e a sua realização aqui deve-se essencialmente a propostas feitas pela Região Norte".



O "Sempre Pronto" existe para eles.

O telefone requeria a presença do Chefe do acampamento e a entrevista ficou por aqui. Preparava-se, entretanto, a visita à cidade de Figueira da Foz e à sua seca de bacalhau, pelo que a rapaziada se concentrava no local próprio. Verificámos assim o grande número de escoteiros presentes. "Sempre Pronto" contactou com os rapazes, reconheceu o seu entusiasmo e verificou também o seu interesse pelo jornal, que foi largamente distribuído, já que a greve dos correios impedira a sua entrega aos assinantes antes da data do acampamento.

E. C. ARNALDO EDUARDO COUTO, CHEFE REGIONAL DO NORTE, LAMENTA A REDUZIDA REPRESENTAÇÃO DOS ESCOTEIROS DO NORTE

Providencialmente, acercou-se de nós o E. C. Arnaldo Eduardo Couto, pelo que aproveitámos a oportunidade que se nos oferecia para lhe perguntarmos:



S. P. ouvindo as palavras do Chefe regional do Norte.

"S. P." – Diga-nos, por favor, quais são as suas impressões, como Chefe Regional do Norte, deste Acampamento, demais exactamente a Região onde está implantado o "Nacional"?

A. E. C. – *"Ora bem! Neste momento, quanto à Região Norte, sinto-me um pouco insatisfeito, senão com uma certa mágoa, porque os escoteiros da Região Norte devido possivelmente a actividades que tiveram de fazer antes deste acampamento e não só, porque também as informações que previamente foram recebendo nem sempre corresponderam àquilo que seria o Acampamento. Em princípio foram dadas umas informações, posteriormente deram outras e isso levou a que certos grupos da Região Norte não comparecessem como eu desejava. Pois é com mágoa que eu sinto a ausência dos escoteiros da Região Norte, que presentemente tem mais de 30 grupos, e só estão neste acampamento à volta de uns 70 ou 80 escoteiros. Isto demonstra que houve de facto uma descoordenação nesta actividade. Mas espero que de futuro as coisas sejam postas no seu devido lugar".*

"S. P." – Deus queira que sim. Muito obrigado.

O ACAMPAMENTO NACIONAL VISTO POR UM ESCOTEIRO-CHEFE DO NORTE

... Não desejo fazer uma crítica destrutiva, mas alertar para que se evitem erros, pois é fácil criticar, mas para trabalhar ninguém aparece. Ouvi, por lá, que em 1983 o "Nacional" será no Algarve. Acho boa ideia, pois precisamos de fazer uma grande propaganda e ao mesmo tempo colaborar com os grupos isolados, que estão fora dos grandes centros.



Um dirigente sem papas na língua.

Embora tivesse havido quem não gostasse do serviço de entradas e saídas, reconheçamos que estava correcto o sistema, pois sem disciplina nada se faz.

Não gostei foi da forma como muitos se apresentam vestidos. Uns com a farda actual; outros com a farda usada em Lisboa; outros ainda com a farda usada no Porto e alguns com a farda antiga, mas estes estavam fardados. Só lamento a *paisanice* que outros apresentam, pois trazer um lenço ao pescoço não justifica que se esteja fardado. É mau sair para a rua nesse estado, pois vi alguns vestidos de qualquer

continua na pág. 11

VAMOS DAR ATENÇÃO AOS LOBITOS

O LOBISMO E AS CARACTERÍSTICAS DO RAPAZ

continuação do número anterior

O Lobismo, apesar dos seus detractores, corresponde às características físicas e mentais dos garotos dos 7 aos 12 anos; se são boas desenvolve-as, se forem más, orientam-se e canalizam-se para uma melhor utilização, aplicando-lhe um antídoto.

Segue-se uma análise sobre as características e remédios às características do garoto.

Características do rapaz	Resposta do Lobismo	Fim a atingir	Meios de acção
Necessidade de movimento.	Jogos activos: corridas, reuniões rápidas, jogos de bola.	Desenvolvimento físico.	Ginástica, corridas, estafetas, equilíbrio, jogos de destreza, jogos de equipa.
Necessidade de variedade.	Mudar com frequência as actividades: Jogos activos, ocupações silenciosas e gritos de guerra.	Interesse pela acção.	Ocupações atraentes.
Egoísmo.	Boa vontade. Boa acção colectiva, trabalho em comum no Bando; esforço individual por todos.	Altruísmo.	Actividades citadas na 2ª coluna.
Necessidade de fazer barulho.	Gritos de guerra. Canções. Grande uivo (Canto de reunião pelos Bandos, precedido de silêncio)	Auto-domínio Canto Coral Obediência	Gritos ordenados. Grito da Divisão YAOU! seguido de silêncio. Silêncio frequente e acidental.
Instinto combativo. Rivalidade.	Muitos jogos entre Bandos rivais. Concursos INTERBANDOS e INTERALCATEIAS (técnicos e morais) Totem de Honra.	Espírito de justiça. Espírito de corpo.	Jogos de equipa, concursos e aclamações aos vencedores.
Imaginação	Ficção da selva. Escutar e reproduzir as histórias; mímicas; disfarçar-se.	Espírito inventivo; engenho; sentido do belo. Contos e histórias; criação de trabalhos manuais.	Romantizar com histórias toda a formação moral dos Lobitos.
Gosto do romanesco.	Simbolismo da selva.	Apuramento da sensibilidade	As cerimónias; a Rocha do Conselho; Totem de honra; os bons e os maus animais da selva; prémios em concursos.

continua

Página do Escoteiro



Porque, e felizmente, se verifica que os efectivos dos grupos são hoje constituídos por rapaziada muito jovem, terá interesse em que façamos uma transcrição do nosso próprio "Sempre Pronto" de há seis anos, que poderá dar uma sugestão útil aos escoteiros de hoje para actividades de campo.

PEGADAS: COMO AS OBTER

A recolha de pegadas é um dos trabalhos mais interessantes que podes realizar.

Muito fácil de fazer, permite o estudo dos animais que caminham pela floresta. O seguimento das suas pistas dá uma sensação de verdadeira aventura policial em que o detective (o escoteiro) procura reconstituir o que o animal fez durante determinado percurso.

Na primavera, os rastos são muito visíveis, dado que a humidade do terreno permite a fixação das patas dos animais.

A gravura mostra um dos processos de recolha de pegadas.

Como material, necessitas de uma lata de pulverização ("spray") de laca vulgar para o cabelo, de gesso e duma garrafa com rolha de chuveiro cheia de água.

Quando descobrires a pegada que te convém, aplica-lhe um pouco de "spray" para isolar a terra e ao mesmo tempo limpar as sujidades que contenha.

De seguida, circunda a pegada com uma tira de cartolina, presa com um alfinete ou mola "clip".

Basta depois polvilhar a marca com gesso e adicionar água e esperar 15 ou 20 minutos pelo endurecimento, para poderes retirar o molde do terreno.

Outro processo consiste em misturar o gesso com água e obter uma calda que é vazada dentro da pegada.

O molde, depois de recolhido, deve ser trabalhado a canivete e pintado com cores garridas para destacar o contorno da pata.

Verifica, no entanto, se o molde que obtiveste corresponde à pata do animal. Se quiseres reconstituir a pegada deixada no terreno, poderás fazer o seguinte:

– Coloca de novo uma tira de cartolina à volta do molde que obtiveste.

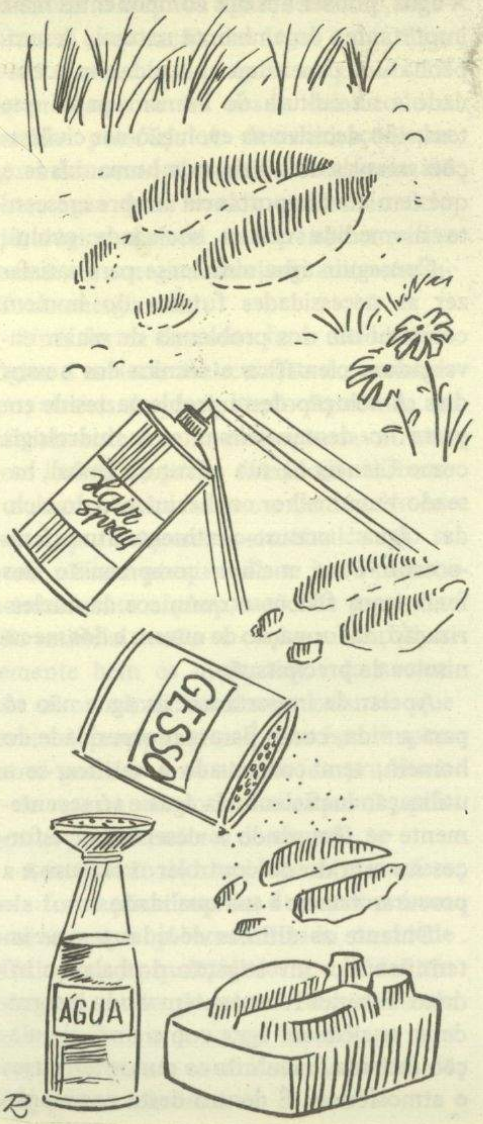
– Pincela o espaço circundado pela cartolina e também todo o interior com vaselina.

– Vaza de novo gesso líquido dentro da parte assim preparada.

Quando se completar a secagem, podes separar as duas partes à vontade porque a vaselina não deixa o novo gesso aderir ao que primeiramente obtiveste no campo.

Ficas assim com um molde e um contramolde, ou seja, a pata e a pegada do animal que encontraste no campo e que podes decorar a teu bel-prazer.

A. I.



ANTIGOS ESCOTEIROS

ANTIGOS ESCOTEIROS

A QUOTIZAÇÃO DA FRATERNAL

Com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do nosso assinante e companheiro Eduardo Xavier:

Lisboa, 16 de Junho de 1981

(...) Companheiro:

(...) Na qualidade de elemento da anterior Direcção da FAEP, sinto ser minha obrigação esclarecer que, ao contrário do que se afirma em circular da actual Direcção, não foi por nós decidido que a contribuição mínima passasse a ser de 240$00 por ano.

Aliás tal decisão seria contrária ao Regulamento da FAEP que, no seu artigo 15º, define que a fixação da quotização é da competência do Conselho Nacional. Em circular de 20/6/79, depois de se dizer que a contribuição anual é de montante voluntário, recomendava-se como conveniente uma contribuição de 240$00 ou 300$00; logo se acrescentava, porém, que "qualquer outra quantia será benvinda, mesmo que seja uma quotização mínima".

Creio serem bem evidentes as diferenças entre um apelo, uma recomendação e a decisão que se diz (sem razão) termos tomado.

Saudações escotistas
Sempre Pronto

(a) Eduardo Augusto da Silva Xavier



DECÉNIO INTERNACIONAL



Água: a vida depende dela.

A década que vai de 1981 a 1990 foi declarada pela Assembleia Geral das Nações Unidas como "Decénio Internacional da Água Potável e do Saneamento Ambiental", procurando assim dar resposta a uma tragédia humana de enormes dimensões: mais de metade dos homens, mulheres e crianças que hoje vivem não têm pronto acesso a água potável e poucos dispõem de facilidades sanitárias.

Procura-se mobilizar todas as instituições e movimentos de serviço para minorar esta grave situação de uma parte da humanidade.

Em diversas partes do mundo, os escoteiros projectam já a sua colaboração neste esforço e alguma coisa tem sido feita para facilitar o acesso à água das populações mais carenciadas. Em Portugal, este problema é ainda bastante agudo. Povoações há em que a água é insuficiente e a sua distribuição muito precária. Os Escoteiros podem auxiliar na solução das dificuldades existentes. Mesmo ao nível das actividades de campo, os nossos rapazes podem auxiliar na limpeza de poços e fontes, na higienização dos locais de abastecimento, nos serviços de sanidade.

"Sempre Pronto" passará a dispensar a este assunto alguma atenção e gostaria de registar nas suas colunas notícias dos serviços prestados pelas unidades escoteiras ou escutas em adesão ao Decénio Internacional da Água Potável.

Para início deste programa, pedimos vénia para transcrever um trecho extraído de **O Ciclo da Água Potável em Escala Global**, *de José Pinto Peixoto, da Comissão Nacional do Ambiente, série o* **Ambiente e o Homem, 1979**, *pág. 75 - 80, publicado no boletim desta Comissão no segundo trimestre do ano passado, que nos parece de interesse para chamar a atenção para o alto valor da água e a sua indispensabilidade para a vida.*

O CICLO DA ÁGUA EM ESCALA GLOBAL

A água constitui um recurso natural insubstituível sem o qual não seria possível a vida na Terra, tal como a concebemos. A água, por ser um dos componentes mais importantes do ambiente natural, desempenha um papel único na vida, na actividade e na cultura do homem, papel que tem sido decisivo na evolução das civilizações através da história da humanidade e que tem uma importância sempre crescente à medida que a sociedade evolui.

Conseguir água suficiente para satisfazer as necessidades futuras do homem constitui um dos problemas de maior envergadura científica e técnica dos nossos dias. A solução deste problema reside em parte no desenvolvimento da hidrologia como Ciência na sua estrutura global, baseado num melhor conhecimento do ciclo da água **oceano-continente-atmosfera-oceano** e na melhor compreensão dos fenómenos físicos e químicos da nuclearização, da formação de nuvens e dos mecanismos da precipitação.

Apesar da importância da água não só para a vida, como para a prosperidade do homem, tem continuado a verificar-se a utilização ineficiente da água e só recentemente se têm vindo a desenvolver esforços no sentido de controlar o seu uso e a procurar manter a sua qualidade.

Durante as últimas décadas tem-se intensificado a investigação do balanço hídrico. Estudos recentes têm vindo a considerar o ciclo da água como uma circulação fechada, incluindo os ramos terrestres e atmosférico. É dentro desta concepção que começam a emergir esquemas específicos que permitem o controlo do ciclo hidrológico.

Na fase inicial da sua existência, a Terra não teria qualquer atmosfera, visto que os elementos mais leves como o hélio e o hidrogénio se teriam escapado à acção da gravidade da Terra. O nosso planeta não teria oceanos e a superfície do globo teria sido coberta por vulcões muito activos lançando lava e gases como o hidrogénio e derivados ricos do hidrogénio, e vapores, principalmente vapor de água. As moléculas da água lançadas pelas emissões vulcânicas sofriam uma forte dissociação originando oxigénio e hidrogénio. Enquanto que o hidrogénio se escapou, o oxigénio reagindo com o amoníaco e com os metais, originou azoto e dióxido de carbono, cuja mistura teria constituído uma atmosfera intermédia. A composição desta, mais tarde, evoluiu, a partir da altura em que começavam a aparecer as plantas que, com a fotosíntese, absorviam o dióxido de carbono e libertavam o oxigénio. Atingida a estabilização, o excesso de água condensou-se e depositou-se nas depressões da superfície do globo formando os oceanos. De facto, a maior parte do vapor lançado pelos vulcões excedia o que correspondia à saturação da atmosfera, conduzindo à formação de precipitação na forma líquida ou sólida.

A quantidade de água existente na Terra pode considerar-se constante no decurso da história do homem. A água actualmente existente pode considerar-se distribuída por três reservatórios principais, que, pela ordem da sua importância são os oceanos, os continentes e a atmosfera. A Terra contém no seu interior uma quantidade muito apreciável de água dissolvida ou combinada quimicamente, ainda que não seja fácil fazer qualquer estimativa adequada da sua capacidade.

Cerca de 97,3 por cento de toda a água da hidrosfera está contida nos oceanos; os restantes 2,7 por cento existem nos continentes, principalmente nas calotes polares, nos lagos, rios e mares interiores. A atmosfera contém apenas uma pequeníssima parte, cerca de 100 000 vezes menos, do que toda a água da hidrosfera.

O ciclo hidrológico é o conceito fundamental da hidrologia. É uma consequência do princípio da conservação da água nas suas três fases. Descreve uma consequência fechada de fenómenos naturais

DA ÁGUA POTÁVEL

pelos quais a água é lançada na atmosfera através da evaporação à superfície e retorna novamente à superfície por precipitação sólida ou líquida. A superfície retém uma parte, outra infiltra-se e finalmente outra parte escoa-se pelos rios ou evapora-se novamente para a atmosfera.

O ciclo hidrológico apresenta dois ramos distintos: o ramo atmosférico em que predomina o fluxo da água na fase vapor e o ramo em que o fluxo se verifica nas fases líquida ou sólida, como os glaciares.

O factor meteorológico mais importante para o ciclo hidrológico é a radiação solar que fornece a energia que origina e mantém a circulação da água no ciclo. A temperatura e a humidade do ar e os ventos condicionam o processo da evaporação. Por seu turno, a radiação solar que atinge a superfície da Terra é condicionada pelas nuvens que constituem depósitos visíveis de água nas fases condensadas.

A quantidade média total do vapor de água para toda a atmosfera é muitíssimo pequena atingindo apenas 0,3 por cento da atmosfera e é da mesma ordem de grandeza da água contida nos vários lagos do Globo.

A quantidade de humidade da atmosfera decresce rapidamente com a altitude, com cerca de 50 por cento confinada à camada de 1,6 km e de 90 por cento nos primeiros 6 km da atmosfera.

A quantidade total de água existente em média em toda a atmosfera é da ordem de $1{,}3 \times 10^6$ toneladas.

Ainda que a quantidade de água da atmosfera seja muito pequena verifica-se um transporte muitíssimo considerável de vapor pela circulação geral da atmosfera.

A influência desta quantidade de água precipitável tão diminuta é muito desproporcionada com as consequências que tem para o clima e para os recursos hídricos da Terra. De facto, o vapor de água é o factor mais importante em todos os processos radiativos da atmosfera, regulando toda a energética da Terra através da absorção e da emissão de radiação. Além disso a atmosfera e a sua circulação geral estabelecem o elo de ligação entre a evaporação, a condensação e a precipitação, permitindo assim o fecho do ciclo hidrológico.

Sempre que se verifica um desequilíbrio entre a evaporação e a precipitação numa dada região da superfície do Globo tem que se observar um transporte de vapor de água para as regiões em que se verifica um défice da diferença evaporação-precipitação.

Este transporte pode determinar-se a partir da observação dos ventos em altitude e da distribuição da humidade específica, mostrando assim o papel decisivo que a atmosfera tem no ciclo hidrológico.

Este tipo de estudos permite demonstrar que as fontes da humidade para toda a atmosfera estão localizadas principalmente nas regiões subtropicais dos oceanos em ambos os hemisférios e permite ainda explicar algumas das características do clima da Terra.

As necessidades de água variam numa gama muito considerável entre uma sociedade rural agrícola e uma sociedade altamente industrializada. Mas as necessidades em água estão sempre a aumentar. Torna-se, por isso, necessário utilizar os nossos recursos hídricos de uma forma racional, o que nos leva à necessidade de controlar o ciclo da água, tentando minimizar a evaporação dos lagos e das albufeiras e evitar que as águas se lancem nos oceanos sem se ter tirado delas todo o partido possível. A dessalinização das águas dos oceanos constitui uma forma de obter água doce fora do quadro do ciclo hidrológico natural, recorrendo a várias formas de energia, incluindo a concentração da energia solar.

Uma forma de controlar o ciclo hidrológico é acelerar a circulação do ramo aéreo, através da precipitação provocada artificialmente pela inseminação das nuvens com iodeto de prata, dióxido de carbono e outras substâncias convenientes. No entanto, por enquanto esta técnica não se pode utilizar porque não se justifica economicamente a provocação de precipitação artificial e não se conhecem suficientemente bem os mecanismos da nucleação e os condicionalismos naturais que levam à precipitação. É, por isso, importante guardar uma atitude de prudência e de reserva em todos os esquemas propostos por "fazedores de chuva".

A extracção de humidade da atmosfera pela formação e recolha de orvalho é um processo que já era utilizado na Idade Média, mas as quantidades recolhidas são em geral muito pequenas. Recentemente foi sugerido um processo baseado na convecção forçada e controlada de massas de ar quentes e húmidas.

O controle do ramo terrestre tem-se processado através do controle do escoamenço à superfície desde tempos imemoriais através da construção de barragens e de lagos artificiais, desvios de cursos de água. O controle das águas subterrâneas tem vindo a realizar-se há mais de 5 000 anos e todos sabemos da existência de sistemas de canais subterrâneos para esse fim que no Irão tomam o nome de Qanats. As águas subterrâneas constituem hoje grande parte dos mananciais de água doce para prover às necessidades dos grandes aglomerados urbanos e outros.

Têm-se feito algumas tentativas de controlar o ciclo hidrológico nos oceanos. Já nos referimos à dessalinização da água dos mares. Ultimamente, porém, tem vindo a considerar-se a hipótese de transportar **icebergs** da Antártida para as regiões áridas da África, América, Ásia e Austrália. Seria possível rebocar um comboio de dez **icebergs** com um total de 10 biliões de metros cúbicos de gelo para a Califórnia com perdas por fusão e evaporação da ordem de 10 por cento apenas. Os **icebergs** poderiam ficar "atracados" e irem sendo consumidos de acordo com as necessidades humanas.

O ciclo hidrológico em escala planetária pode ser encarado como o resultado dum sistema gigantesco de destilação que se estende a todo o Globo. O aquecimento das regiões tropicais pela radiação solar leva a uma evaporação contínua que lança a água na atmosfera e é removida e transportada pela circulação geral da atmosfera, principalmente sob a forma de vapor de água para latitudes a norte e a sul das regiões de excesso de evaporação. Durante a transferência, devido ao arrefecimento associado à expansão adiabática, parte do vapor de água condensa-se e forma nuvens que depois originam a precipitação. A acção combinada das correntes marítimas, dos escoamentos dos rios e subterrâneo fornece a circulação de retorno e de compensação para as regiões de origem.

Dada a importância da **hidrosfera gasosa** e a existência dum **sistema motor** que é a circulação geral da atmosfera, podemos dizer que o "sol, a terra e o ar se dão as mãos" de tal forma que:

"Todos os rios correm para os mares; contudo este nunca se enche". (Ecclesiastes)

A LONGA HISTÓRIA DO EMBLEMA ESCOTEIRO

Os escoteiros do mundo inteiro preparam-se para celebrar, em 1982 e 1983, o 75º aniversário do escotismo, e foram feitas perguntas acerca das origens do emblema escoteiro.

O desenho, base do emblema, é utilizado por escoteiros de 150 países e territórios. É um dos símbolos mais facilmente reconhecido no mundo, porque foi usado por cerca de 200 milhões de antigos escoteiros e hoje, é usado por 16 milhões.

Como Lorde Baden-Powell escreveu em 1914, "Tomámos o nosso distintivo do "Ponto Norte" utilizado nos mapas para indicar o norte". "Lady" Baden-Powell dizia mais tarde "Ele mostra-nos o verdadeiro caminho a seguir". Deste modo, o emblema lembra ao escoteiro que deve ser tão fiel e digno de confiança como uma bússola, guardando os ideais escoteiros e mostrando o caminho aos outros".

As três pontas do emblema representam para o escotismo, os três artigos fundamentais do compromisso e da promessa escoteira. As duas estrelas de cinco pontas representam os dez artigos originais da lei (em certos países, estão igualmente associados à verdade e ao conhecimento).

O emblema escoteiro mundial utiliza a ponta da flecha rodeada duma corda atada por um laço liso, simbolizando a unidade e a fraternidade mundial do Movimento. "Do mesmo modo que não se pode desfazer um nó direito sejam quais forem as pressões exercidas sobre ele, assim permanece unido o Movimento apesar da sua expansão".

A ponta da flecha e a corda são brancas sobre um fundo violeta, cores escolhidas pelo fundador. Em heráldica, o branco simboliza mais frequentemente a pureza e o violeta real poderia significar a direcção e a ajuda aos outros.

A HISTÓRIA DO SÍMBOLO

Há provas de que, desde o ano 2000 antes de Cristo, os chineses utilizavam esta ponta de flecha como símbolo de direcção. Segundo a Enciclopédia Larousse, foi motivo de decoração dos bronzes etruscos, ornamentos romanos assim como também foi utilizado nos monumentos antigos no Egipto e na Índia.

Marco Polo introduziu-o na Europa, quando voltou de Cathay com uma bússola de marinheiro, no fim do século XIII. A Grande Enciclopédia atribuiu o desenho a um piloto italiano, Flávio Ginja d'Amalfi, para marcar o norte na bússola rudimentar que ele tinha construído.

A Enciclopédia Britânica dá uma outra versão interessante: a "rosa dos ventos", muito mais antiga que a bússola de mar magnética, aparece pela primeira vez nos mapas dos pilotos mediterrâneos. As oito principais direcções dos ventos estavam indicadas por letras gregas. O vento norte, a tramontana, era designado por um "t". Por consequência, o "t" foi adornado ou combinado com uma ponta de flecha e nunca mais foi reconhecível.

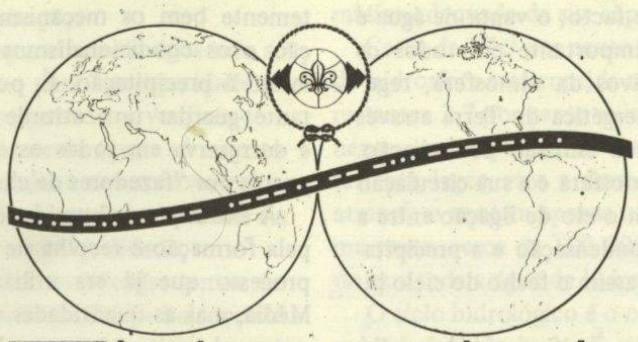
Indicar uma direcção não é senão uma das utilizações tradicionais da ponta de flecha. Ela também foi utilizada nas armas trabalhadas que pertenciam a famílias ricas. Algumas vezes, o desenho era tido para representar uma lança, um dardo, uma flor-de-lis e mesmo uma abelha ou um sapo.

Assim hoje, se a ponta de flecha indica sempre o norte para todos os que utilizam a bússola no mundo, esta mesma ponta, escolhida pelo fundador do escotismo, mostra aos escoteiros o caminho de serviço e da fraternidade.

O 24º JAMBORI NO AR SERÁ REALIZADO EM 17 E 18 DE OUTUBRO

O Jambori no Ar, o encontro anual dos escoteiros de todo o Mundo através da Rádio, actividade que congrega milhares de jovens de muitas nações e que em Portugal tem marcado posição de relevo, realiza-se no fim de semana de 17 e 18 de Outubro próximo.

Os escoteiros e as guias de Portugal estão já, certamente, projectando a sua presença em tão significativo acontecimento.





CARIMBOS POSTAIS COMEMORATIVOS

continuação do número anterior

80 – 23/ 4 /1975 – QUELUZ
Dia do Escoteiro
Motivo: Art.º 1.º da Lei do Escoteiro
Sobrescrito comemorativo: Idem.

81 – 23/ 4 /1975 – FUNCHAL – (Madeira)
Dia do Escoteiro
Motivo: O Caminheiro
Sobrescrito comemorativo: Idem.

82 – 23/ 4 /1975 – NOVA LISBOA – (Angola)
Dia do Escoteiro
Motivo: Art.º 9.º da Lei do Escoteiro.
Sobrescrito comemorativo: Idem.

83 – 23/ 4 /1975 – DONDO – (Beira, Moçambique)
Dia do Escoteiro
Motivo: Art.º 3.º da Lei do Escoteiro.
Sobrescrito comemorativo: Idem.

84 – 18/10/1975 – PORTO
XVIII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

85 – 18/10/1975 – COSTA DA CAPARICA
XVIII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

86 – 18/10/1975 – OLHÃO
XVIII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

87 – 18/10/1975 – ANGRA DO HEROÍSMO – (Açores)
XVIII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Edição do O.N. do Jambori no Ar.

88 – 23/ 4 /1976 – QUELUZ
Dia do Escoteiro
Motivo: Art.º 5.º da Lei do Escoteiro
Sobrescrito comemorativo: Idem.

89 – 23/ 4 /1976 – ANGRA DO HEROÍSMO – (Açores)
Dia do Escoteiro
Motivo: Art.º 4.º da Lei do Escoteiro
Sobrescrito comemorativo: Idem.

ADMINISTRAÇÃO

Durante os últimos meses, mais os seguintes assinantes nos remeteram gentilmente o valor de suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Idílio Ramalho	200$00
Sebastião G. da Silva	200$00
Eng. Manuel Lopes Peixoto	200$00
Horácio José Paiva	200$00
Alfredo Caetano B. Rodrigues	250$00
Eduardo Manuel S. Macedo	300$00
António Joaquim M. Calhau	200$00
João Nobre	350$00
Manuel José Martins	200$00
Manuel F. Branco Seno	200$00
Cor. J. L. Duarte Borrego	200$00
Maria Odete Duarte Borrego Soares	200$00
Henrique João Barata de Freitas	200$00

OUTROS ASSINANTES

Fernando Oliveira Figueiredo	150$00
António Marcos Pessegueiro Silva	150$00
Rui Carlos Constante Andrade	150$00
Joaquim Manuel Rebelo Cruz	150$00
Fernando António Coimbra Soares	150$00
Alberto Capela	150$00
Fernando de Almeida	150$00
José Filipe	150$00
Arnaldo Pinto (1980/81)	250$00
Associação E. P. – R. N. (1980/81)	250$00
Herlander Santos Costa	150$00
Alberto Teixeira	150$00
Sidónio A. Esmeriz P. Viena	150$00
Carlos Augusto Carvalho	150$00
Fernando de Almeida Figueiredo	150$00
Francisco António Campos Pereira	150$00
Alfredo José Guedes Carvalho	150$00
Fraternal dos Antigos Escoteiros	150$00
Samira S. Sudin	150$00
Manuel Tacão Monteiro	150$00
João Catarino Claro Neves	150$00
João Carlos de Morais H. Silvano	150$00
D. Sara Serra Garcia	150$00
Armando Dias (1981/82)	300$00

EM SESIMBRA

FOI INAUGURADO O GRUPO N.º 95 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

No lugar de Sampaio, situado nos primeiros cem metros da estrada que de Santana se dirige a Azeitão, no concelho de Sesimbra, foi inaugurado, no dia 12 de Julho passado, uma nova unidade dirigida pelo E. C. Francisco Amigo.

No dia 11, sábado, houve recepção aos grupos de escoteiros da Região de Lisboa e fogo de conselho no acampamento montado em campo perto da sede. No domingo, efectuou-se a recepção aos escoteiros-chefes nacional e regional, presidente do Município local, e outras entidades oficiais.

Às 10 horas, foi inaugurada a sede da unidade e procedeu-se ao içar das bandeiras nacional e do grupo, seguindo-se o compromisso de honra de dirigentes e escoteiros.

Ao fim da tarde, depois de diversas actividades, realizou-se a despedida com a canção do "Adeus".

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

XVII CONFERÊNCIA NACIONAL DE DIRIGENTES

O Presidente da Conferência Nacional, sr. eng. Manuel Lopes Peixoto, convocou a Conferência de Dirigentes, em sessão ordinária, para os dias 3, 4 e 5 do próximo mês de Outubro com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 – Apreciação dos trabalhos desenvolvidos pela Direcção Nacional e Chefia Nacional. (n.º 2.º e 4.º do Art.º 12 dos Estatutos).

2 – Eleição dos dirigentes máximos associativos. (n.ºs 5.º, 6.º e 7.º do Art.º 12.º dos Estatutos).

3 – Apreciação de alterações aos Estatutos, ou estabelecimento das ideias mestras a que deverá obedecer uma alteração. (n.º 3.º do Art.º 12.º dos Estatutos e tendo em conta o § 1.º desse mesmo Art.º 12.º).

4 – Constituição da Federação Escotista de Portugal (AEP – CNE).

continua na pág. 12

continuação da pág. 5

maneira, mas com lenço no pescoço.

Parece-me que será oportuno pensar num fardamento de campo.

Outro aspecto negativo é o uso de farda militar. Vi um escoteiro com a farda n.º 3 do exército, com insígnias escoteiras. Aceita-se que a farda militar, pela sua operacionalidade, facilite as práticas de campo, mas não devemos usá-la. Também não é de usar o camuflado, embora seja muito prático para as lides do campo. Para alguns talvez possa ser uma recordação e para outros mais novos um atractivo. Talvez se possa admitir o camuflado para o serviço de vigilância.

No Fogo de Conselho verificou-se uma forte amnésia das canções escotistas. Afinal, temos um cancioneiro tão rico... Criem-se canções novas, mas não se esqueçam as antigas.

Gostei da intervenção dos antigos escoteiros da Fraternal, assim como dos diplomas que a sua representação fez distribuir. É altura de explicar aos mais novos que os membros da Fraternal não são uns simpáticos velhinhos de muletas, que foram escoteiros do activo noutros tempos. Bravo! Fraternal.

Também outro assunto chamou a minha atenção: vi uns tímidos calções vestidos em alguns escoteiros (claro que da farda). Parabéns a esses rapazes de calção.

José Alberto Teixeira Cerqueira
E. C. do Grupo n.º 17

continuação da pág. 11

5 – Apreciar os grandes problemas que interessam ao Movimento e à AEP, estabelecendo a orientação geral a seguir. (Entre esses problemas destaca-se o relacionado com a aprovação de um Regulamento Geral, ou fixação das linhas mestras que o devem definir). (nº 2º do Artº 12º dos Estatutos).

6 – Eleição dos delegados ao Conselho Permanente. (nº 9º do Artº 12º dos Estatutos).

7 – Apreciação de quaisquer outros temas que sejam aceites pela assembleia.

A Conferência reunirá no Parque Nacional de Escotismo na Costa da Caparica (mata de Santo António).



DE MÊS PARA MÊS



EXAME FEITO!

O "Nacional" já se realizou e já passou à história. Certamente que os seus responsáveis estão agora a ponderar as experiências obtidas.

Apresentou-se muita rapaziada a exame e outros não se apresentaram. Os que se não apresentaram, porque não quiseram, são os "chumbados". Falta de interesse: Classificação: "Zero".

Houve muita dedicação, tanto a nível de dirigentes como de escoteiros. Não pode haver uma classificação uniforme, mas todos merecem nota positiva.

Quanto a "habilitações", reconheçamos que havia muitos *patatenras*. Mas ainda bem que assim foi. São esses escoteiros que se vão treinar, preparar, para no próximo "Nacional" se apresentarem com a insígnia de 2ª classe – que digo eu? – de 1ª classe. No próximo acampamento nacional só deveriam comparecer escoteiros com provas dadas. Só depois de se aprender e treinar é que se vai a exame.

EFEMÉRIDES

OUTUBRO

Dia 4 – 34º aniversário de uma sessão de propaganda escoteira em Tavira, promovida pelo Grupo 6, de Olhão, com a colaboração do "60" de V. R. de Sto. António.

Dia 29 – 25º aniversário da visita feita a "Sempre Pronto" pela Direcção e Conselho Fiscal da "Fraternal", a primeira presidida pelo Dr. Tovar de Lemos e o segundo representado por António Manuel Ribeiro e Albano da Silva.

Dia 31 – Foi inaugurada em Lisboa há 23 anos a II Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos anexos a igrejas evangélicas.

O ACNAC

continuação da pág. 1

Terminada a cerimónia, as entidades referidas percorreram os diversos subcampos, tendo o eng. Saraiva Santos conversado com os rapazes e apreciado com interesse os trabalhos já realizados.

O DESPORTO TAMBÉM ESTEVE NO "NACIONAL"

Na segunda-feira, pelas 10 horas da manhã, os escoteiros reuniram na clareira e dirigiram-se ao Estádio Municipal da Figueira da Foz, onde se iam realizar provas desportivas. Efectuaram-se diversas provas de atletismo – a Mini-Olimpíada – que não decorreu com grande eficiência, por falta de experiência. Houve desclassificações por ignorância de regras, mas foi uma actividade que despertou entusiasmo.



VISITAS AO ACAMPAMENTO

O Acampamento foi visitado por familiares dos escoteiros, por muitos antigos escoteiros da zona da Figueira da Foz e de outros pontos do país, o que serviu para "matar saudades".

Uma equipa de "Sempre Pronto" esteve, na terça-feira, no Acampamento: Eduardo Ribeiro, José E. Pena Ribeiro e Carlos Martins, ou sejam os nossos director e administrador, e o chefe da secção gráfica, que fez a reportagem fotográfica.

Os visitantes tiveram ocasião de trocar impressões com diversos dirigentes, particularmente com o Chefe Nacional e de Campo, tendo feito uma profusa distribuição do nosso jornal, já que a greve dos correios impedira que o "Sempre Pronto" tivesse chegado a casa dos assinantes antes do acampamento.

A PRESENÇA DE MACAU

Com a colaboração do Governo Regional de Macau, foi possível ter a presença de uma delegação de rapazes escoteiros de Macau, constituída por cinco elementos:

Fausto Viseu Bento,
Natalino Jorge,
Raimundo Vizeu Bento
José M. Machon.

Os rapazes de Macau apreciaram muito a sua participação na actividade e, regressados àquele território, fazem já preparativos para a organização de grupos de Escoteiros de Portugal, dizendo que há ali centenas de rapazes que querem ser escoteiros.

Portanto, os Escoteiros de Portugal vão regressar a Macau, onde existiu além do grupo de "scouts" fundado em 1911, pelo então tenente Melo Machado, também, na década de trinta, o Grupo nº 12 dos Escoteiros de Portugal, que foi uma unidade de grande efectivo, dirigida pelo escoteiro-chefe prof. Alfredo Borges.



ACAMPAMENTO NACIONAL

A CIDADE

No último número, escrevendo sobre a cidade da Figueira da Foz, dissemos que "a costa oferece paisagens maravilhosas, especialmente no Cabo Carvoeiro". Foi lapso, talvez por influência de ali se situarem importantes jazigos de carvão.

Pedimos desculpa do erro, que o Leitor facilmente corrigiu, visto que ali é, muito naturalmente, o Cabo Mondego, junto à foz do rio com o mesmo nome.

O Cabo Carvoeiro, também com excelentes paisagens, fica perto e um pouco ao norte de Peniche, como todos sabemos.